

---

**PKS**

**PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT**

**REVISTA DE GEOGRAFIA  
(UFPE)**

**www.ufpe.br/revistageografia**

**OJS**

**OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS**

---

## **GEOGRAFIA, LITERATURA E MÚSICA: O SIMBOLISMO GEOGRÁFICO NA ARTE**

*Marquessuel Dantas de Souza<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> *Bacharel em Geografia. Faculdades Integradas Tereza Martin (FATEMA) – SP. Email: marquessuelgf@gmail.com*

*Artigo recebido em 09/09/2012 e aceito em 02/10/2012*

---

### **RESUMO**

O presente artigo busca discutir brevemente a relação que envolve Geografia, Literatura e Música. Do mesmo modo, visa apontar a importância da temática quando da discussão referente ao espaço geográfico como o espaço de vivência e de experiências dos autores em geral e personagens poéticos, onde são articuladas as perspectivas fenomenológicas-existenciais dos mesmos. Bem como valorizar o diálogo prosaico e poético sobre o espaço, as formas de linguagens os mapas literários e a imaginação contida numa obra de arte significativamente na cultura dos homens. Busca relacionar a tríade Geografia, Literatura e Música para mostrar que essas perspectivas constituem formas outras de enriquecer o modo geográfico de ler o mundo e que o valor simbólico inserido nestas contribuem consubstancialmente para com a educação, em particular no processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Geografia, Literatura, Música.

### **GEOGRAFIPHY, LITERATURE AND MUSIC: THE GEOGRAPHIC SYMBOLISM IN ART**

### **ABSTRACT**

This article briefly discusses the relationship involving Geography, Literature and Music. Similarly, aims to highlight the importance of the theme of the discussion when referring to geographical space as the space of experience and experience of the authors in general and poetic characters, which are articulated existential-phenomenological perspectives of the same. As well as enhancing the dialogue and poetic prose about space, forms of languages and literary imagination maps contained in a work of art in culture significantly from men. Seeks to relate the triad Geography, Literature and Music to show that these perspectives are other ways of enriching the geographical mode of reading the world and the symbolic value inserted consubstantially these contribute to education, particularly in the literacy process.

**Keywords:** Geography, Literature, Music

## INTRODUÇÃO

A Ciência Geográfica há muito vem trabalhando seu objeto de estudo sobre diversas formas de manifestação e representação. Não obstante, busca por relacionar os melhores olhares a serem direcionados sobre o seu objeto de estudo, a saber: o espaço, como a instância máxima de aproximação e distanciamento entre os seres existenciais. Com efeito, essas formas de manifestação no espaço irá se efetuar na superfície da terra por intermédio de representações humanas evidenciando-se a dialética corporal *à priori*, visto que com o corpo realizamos tudo o que é possível e o que esteja ao nosso alcance desde que tenhamos a possibilidade de realizar. Entretanto, sem para isso, deixar escapar de seu cerne os lugares posicionados na memória do artista. Haja vista “a memória, como meio de exposição da consciência crítica, é o depositário do elo de um lugar com outro lugar” (MARINHO, 2010, p. 205). Deste modo, a memória “transfigura-se em uma revisitação de um tempo (um presente) à outro (um passado)” (MARINHO, 2010, p. 205). Bem entendido, esses lugares primeiros surgem como ‘mapas mentais’ (no sentido subjetivo) através das experiências vividas dos seres humanos, para logo após se tornarem mapas topológicos, lugares reais e concretos

tridimensionais (no sentido objetivo) de tais experiências.

Nossa discussão se volta para a análise de escritos literários, tais como poemas e romances e para análises de composições musicais no âmbito oral e instrumental. Pois “somos aquilo que vivemos” (SOUZA, 2012, p. 84). Por conseguinte, a arte em geral se faz projeção figurativa na malha da existência concreta real do ser no mundo. A arte constitui-se em uma linguagem/manifestação que permite capturar a essência humana. “Através da arte [...] nos transcendemos” (SOUZA, 2012, p. 81). Ou, como nos disse Jung: “a verdadeira obra de arte tem inclusive um sentido especial no fato de poder se libertar das estreitezas e dificuldades insuperáveis de tudo o que seja pessoal, elevando-se além do efêmero do apenas pessoal” (JUNG, 2011, 72). É neste sentido que o filósofo alemão Friedrich Schelling com seu romantismo transcendental proclama (de maneira inusitada e bastante interessante) a Arquitetura - como uma forma de arte - ser a “música petrificada” (SCHELLING, 2001, p. 219)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No original alemão: “esrtarrte Musik” (SHELLING, 2003, p. 404). Para este autor a arquitetura “é a música no espaço, segundo relações geométricas” (SCHELLING, 2001, p. 219). Por isso “a arquitetura, como a música da plástica” (SCHELLING, 2001, p. 219) torna-se música congelada, música solidificada, “música

Não obstante, para além do comum “tudo é cultural em nós” (MELEAU-PONTY, 2007, p. 229). Pois, “somos seres culturais” (CHAUÍ, s/d, p. 268). Isso é válido para qualquer cultura. Sendo assim, a arte - em nosso caso particular a literatura e a música - tornam-se um axioma.

No presente trabalho iremos discutir brevemente num primeiro momento a relação entre Geografia e Literatura, num segundo momento a relação que envolve Geografia e Música. A fim de mostrar o simbolismo geográfico na arte. Haja vista a arte ser um dos assuntos tratados na Geografia desde há muito.

### **GEOGRAFIA E LITERATURA**

“Geografia e Literatura são duas formas de conhecimentos milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 487). Isto é, a Geografia é vista como uma Ciência, já a Literatura é vista como simplesmente uma Arte. No entanto, iremos conservar essas ideias *à priori*, logo após mostraremos que tal posicionamento

---

concreta” (SCHELLING, 2001, p. 221), música em repouso no espaço-tempo. Além disso, a arquitetura seria ainda a música silenciosa ou a arte sonora em silêncio.

(quando estudado rigorosamente do ponto de vista crítico-filosófico) não se sustenta efetivamente. Ou seja, a Geografia continua sendo Ciência, porém, a Literatura não é apenas uma arte, mas um conhecimento valioso para a análise da realidade.

A dialética que envolve Geografia e Literatura é de suma importância para compreendermos a relação do ser ou do criador artístico com a experiência da narrativa dos lugares, com o mundo. Haja vista ser “a literatura, o caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la” (MOTA, 1961, p. 93). Pois,

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico<sup>2</sup>. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto dos processos físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo).

---

<sup>2</sup> “O interesse dos geógrafos pela literatura não é novo” (BROSSEAU, 2007, p. 17).

Fascinava os geógrafos do século XIX e da primeira metade do século XX a capacidade de muitos escritores de descrever regiões e lugares que os próprios geógrafos, muitas vezes, ainda não tinham estudado (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 490).

Desde muito tempo (mesmo antes da história da consolidação da Geografia como Ciência) houve um interesse significativo por parte dos naturalistas em trabalhar com a literatura como meio de abordagem do conhecimento dos lugares explorados. Vários autores salientam esse interesse<sup>3</sup>, principalmente historiadores comprometidos em fazer avançar o

---

3 O próprio Ratzel nos chama atenção quanto a isso em seu texto - *Sobre a interpretação da natureza* -, em que discute a relação Ciência e Arte. Ele nos direciona dizendo-nos que o melhor que o mundo físico (a natureza) pode nos oferecer “se assentam no lado artístico da geografia” (RATZEL, 2010, p. 157). Além disso, o mesmo acrescenta uma ilustração que sustenta, de fato, nossa proposta a cerca da relação entre Geografia e Literatura, em geral, Geografia e Artes. Pois, para Ratzel - quando este volta sua preocupação para com a educação -, este nos diz: “para refletir e sentir as imagens da natureza e para reproduzi-las em sala de aula, faz-se necessário recorrer às obras de nossos poetas e artistas; elas reproduzem as impressões da natureza de forma mais imediata, mais intensa e muitas vezes mais profunda” (RATZEL, 2010, p. 157).

conhecimento geográfico do mundo<sup>4</sup>. Neste caso particular, Geografia e História são inseparáveis através da literatura contida na cultura de um povo<sup>5</sup>. Isto é, a narrativa de uma geração é no íntimo sua história, que em particular é sua literatura expressa seja por meio oral ou escrito<sup>6</sup>. Todavia, isto já se encontrara em obras consagradas da antiguidade tais como a *Odisseia* e a *Ilíada* de Homero, *Teogonia e Trabalhos e Dias* de Hesíodo, *Édipo Rei* e *Antígona* de Sófocles e muitas outras.

---

4 Aqui não poderíamos deixar de citar a título de exemplo o importante naturalista e geógrafo Alexander von Humboldt.

5 Em todo caso, como nos ilustra Elisée Reclus: “la Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le temps” (RECLUS, 1905, p. 04). – A Geografia não é outra coisa que a História no espaço, o mesmo que a História é a Geografia no tempo (tradução nossa). Ou, conforme a citação de Schopenhauer no qual este diz diz que: “la HISTORIA [...] es para el tiempo lo que la geografia para el espacio” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 935). Neste contexto, buscando mostrar o relacionamento entre Geografia e História, podemos citar duas obras clássicas da antiguidade: *Geografia* de Estrabão e *História* de Heródoto.

6 Pois, desde a antiguidade a literatura já fazia presença na cultura dos povos. Muito embora, a escrita tenha aparecido bem depois. Contudo, antes de Homero, por exemplo, as histórias eram apenas recitadas oralmente. No mesmo sentido, “a voz funcionava musicalmente na realização e transmissão de todo discurso poético quando este não era ainda ‘literatura’, isto é, não vivia ainda sob o signo da letra; quando a produção e transmissão eram feitas exclusiva ou predominantemente por via áudio-oral” (MATOS, 2008, p. 84). Portanto, na antiguidade, “sem o verso não se era nada, com ele quase um deus” (NIETZSCHE, 2004, p. 86). Neste contexto, por exemplo, se encaixam em nossa discussão as Comédias e as Tragédias Gregas.

O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa; caso as obras de Herótodo fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que uma relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder (ARISTÓTELES, 1999, p. 47).

Nos textos clássicos da Geografia vemos uma gama de enunciados literários das viagens dos explorados de terras. Assim sendo, isto quer dizer que desde os tempos da antiguidade a cultura dos povos já nos mostra, em termos gerais, a experiência entre o campo geográfico e o campo literário. Neste sentido, Geógrafos e Historiados buscam agir juntos num elo comum significativo. Destarte, a interdisciplinaridade se faz presente em nosso breve debate<sup>7</sup>.

É neste sentido que o geógrafo Pierre Monbeig (em meados do final da primeira metade do século XX e início da

segunda metade) já nos chamava atenção dizendo-nos “que não era possível estudar uma cidade ou uma região sem ler, primeiro, seus grandes romancistas, pois deles era possível extrair ricas e detalhadas descrições sobre a paisagem geográfica, o clima, as cidades, as pessoas, o relevo, enfim sobre o cotidiano do mundo vivido das sociedades” (MONBEIG, citado por MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 490)<sup>8</sup>. O mesmo defendia ainda “que o geógrafo tinha que utilizar em seus textos um veio literário” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 487). Por conseguinte, admitiu que, “depois de seu renascimento moderno, a geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica” (MONBEIG, 1940, p. 225). Isso em decorrência da falta de interesse por parte dos geógrafos da época tratada

---

8 Aziz Ab’Saber em depoimento a Cynara Menezes nos fala da importância da literatura na Geografia. Este autor nos relata de forma sutil seu encontro com alguns romances de sua época. Aziz nos expressa que “lia de tudo” (AB’SABER; MENEZES, 2007, p. 47), e, evidentemente a obra regional que mais o “impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência a *Os Sertões*” (AB’SABER; MENEZES, 2007, p. 47). Além desses breves comentários é interessante observar a visão de mundo que Aziz identificava nessas obras. Em suas palavras: “eu via a geografia através dos romances. Desdobrei-me no estudo da literatura regional brasileira: Dulcídio Jurandir para a região amazônica, José Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos para a região semi-árida...”. Assim, vê-se o quão importante é a literatura para os estudos geográficos.

---

7 Aqui, gostaríamos de salientar ao leitor a importância de se trabalhar com os meios mais possíveis de analisar o real. Quer sejam outras ciências tais como a Filosofia, a História, a Antropologia, a Psicologia e etc., ou outras artes. Muito embora não deixemos de caracterizar nossos estudos para com a própria Ciência Geográfica.

em trabalhar a linguagem dos lugares que estavam sendo explorados. O fato é que nesse período a importância foi dada a descrição geográfica - simplesmente - sem a preocupação com o que estava sendo analisado de humano presente naquelas localidades. Isto é - para compreendermos melhor -, a geografia se voltou apenas para os aspectos físicos e ignorou os valores antrópicos existentes nesses lugares recém-descobertos pelos explorados. Apenas o aspecto físico prevaleceu como o mais importante nas primeiras décadas do século XX. Porém, a literatura passou a valorizar mais a geografia dos lugares para empregá-la - em suas narrativas - como um meio de delinear o conhecimento das localidades que os autores buscavam mostrar através de suas obras; sejam estes lugares ficcionais ou reais.

“Na relação entre Geografia e Literatura, os textos literários apresentam-se como um rico material a serem apreciados por nós geógrafos, pois eles evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas” (BARCELLOS, 2009, p. 41). Portanto, devemos enfatizar o papel da arte (Literatura, Pintura, Música, Cinema e etc.) como um todo nas discussões de cunho geográfico. Isso para valorizar a cultura como o bem maior de um grupo humano. Pois, “através da arte o homem mostra sua

expressão criadora, realizando assim, uma capacidade intrínseca do ser-espacial, de sua subjetividade com sua objetividade com e no mundo” (SOUZA, 2012, p. 73-74).

Muito embora um poeta seja um tecelão, pois o mesmo vai tecendo as palavras que surgem, e assim compondo seus versos, a poesia o envolve de tal modo que por intermédio de um simples poema, o autor não raro, procura advogar aquilo que não conseguiria expressar de outra maneira (SOUZA, 2012, p. 74).

“O interesse pela temática geografia e literatura” (BARCELLOS, 2009, p. 42) é algo que cada vez mais está ocupando horizontes na Geografia Cultural, principalmente em relação ao debate sobre a “representação do espaço e dos lugares<sup>9</sup>” (BARCELLOS, 2009, p. 42). Haja vista a Literatura expressar

---

9 Neste sentido podemos citar alguns autores geógrafos que trabalham ou pensam essa perspectiva, isto é, que tenham artigos ou livros publicados abordando a relação Geografia e Literatura. Do mesmo modo, tenham abordado a mesma temática em monografias, dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Dentre estes se destacam alguns estrangeiros como Douglas C. D. Pocock, Marc Brosseau e Denis Cosgrove. No Brasil se destacam Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Julio Cesar Suzuki, Eduardo Marandola Jr, Werther Holzer, Samarone Carvalho Marinho (tese) entre muitos outros.

experiências. Dito de outra forma, a poesia bem como o romance completa o autor. Por conseguinte, “la poesía es una alma inaugurando una forma” (JOUVE, citado por BACHELARD, 1965, p. 14). Através da arte literária o autor busca encontrar-se na mesma. Bem entendido, “é por intermédio da poesia que o poeta vive e expressa de maneira singular sua vida. De todo modo, o mesmo extrai de si aquilo que está depositado no seu ser, ser este, existencial” (SOUZA, 2012, p. 76). Essa extração é aquilo que se encontra na profundidade do seu ser interior. Nessa relação “o artista atribui significados ao mundo por meio de sua obra” (ARANHA; MARTINS, 1986, p. 385). Pois, “o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista” (HEIDEGGER, 2010, p. 37). E é assim nesta articulação que “o artista põe sua marca” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 104) no mundo, seja por meio da pintura, do romance, do poema, da música, do conto, da arquitetura ou de outra arte qualquer. Porém, sempre buscando expressar suas experiências por meio de uma linguagem específica: a *arte*.

A literatura como estudo geográfico possibilita a “transcrição da experiência dos lugares” (BARCELLOS, 2009, p. 32) para com seus habitantes. Isto porque “o lugar comporta objetos e valores através dos símbolos, signos e significados. É no

lugar que as relações sociais ocorrem, e através delas os valores são compartilhados” (TORRES, 2010, p. 54). Neste contexto, o romance assim como o poema “é visto como o encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (BARCELLOS, 2009, p. 43). Com efeito, “a poesia seria o lugar onde a palavra cruzada com outros códigos se abre para outros códigos” (LEMINSKI apud in SUZUKI, 2005, p. 121-122). Por isso considera-se “la poesía como el arte de poner en juego la fantasía a través de las palabras” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 911). Em realidade, para Freud - quando o mesmo busca compreender o inconsciente através dos sonhos - dizíamos, para Freud a arte poética é superior à arte pictórica e à arte da escultura. Este nos menciona a seguinte passagem:

As artes plásticas da pintura e da escultura vivem, a rigor, sob uma limitação semelhante, quando comparadas à poesia, que pode valer-se da fala; e aqui, mais uma vez, a razão de sua incapacidade está na natureza do material que essas duas formas de arte manipulam em seu esforço de expressar alguma coisa. (FREUD, 2006, p. 338).

Em todo caso inferimos de certo que a “arte é subjetivação objetivada” (SOUZA, 2012, 68-69). Com efeito, tanto a poesia quanto o romance testemunham a realidade.

A poesia, ela, é uma forma particular de arte que se anuncia enquanto solo criativo do ser-espacial e que se pretende unificadora do corpo e do pensamento. Ela estabelece a tensão unificadora inscrevendo o homem no mundo e mediando o que há de afirmativo e de negativo nessa presença. A poesia, forma de objetivação específica do ser-espacial, afora alguns interstícios especulativos, surge, antes de tudo, da relação do homem situado com o lugar, o espaço de existência (MARINHO, 2010, p. 84).

Como testemunha, “a escrita poética tem a ver com o sentido de resgatar a subjetividade e pô-la à mostra no contorno real da vida humana” (MARINHO, 2010, p. 219). O ato de escrever torna possível testemunhar “que aqui estivemos e assim fomos”

(EDUARDO GALEANO apud in MARINHO, 2010, p. 220). Por isso “o poeta tem por tarefa, definitivamente, traduzir” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 90), comunicar palavras, vozes, e acentos “cujo eco cada coisa ou cada circunstância lhe envia” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 91). Entrementes, é dessa comunicação que surge a criação artística<sup>10</sup>. Tanto o poema, o romance ou o conto são documentos literários.

A representação do espaço geográfico contido tanto num poema quanto num romance é significativo do ponto de vista relacional. Pois “a apreensão do espaço geográfico pela via do discurso literário do romance busca uma imbricação entre o real e o imaginário, entre o objetivo e o subjetivo, a qual nos fornece um entendimento do discurso literário como forma de representação do espaço real” (BARCELLOS, 2009, p. 46).

Como dito anteriormente, o poeta é uma espécie de tradutor do subjetivo, do inconsciente ou do interior contido nele mesmo<sup>11</sup>. Deste modo, “o poeta é o espelho da humanidade<sup>12</sup>”

---

10 Isto também é válido para a Literatura de Cordel. Pois esta é uma criação poética. Bem como faz parte do folclore de um povo.

11 No sentido da Psicologia Analítica.

12 Neste caso, podemos citar em especial o grande escritor e poeta alemão Johann Wolfgang

(SCHOPENHAUER, 2005, p. 329). Este nos traduz ou nos faz ver a nossa imagem diante nossa própria existência concreta. Contudo, esta proposição também é válida para o romancista. Haja vista que “o romancista seria então um porta-voz das populações cujos gêneros de vida descreve” (BROSSEAU, 2007, p. 25). Em virtude disto, “o papel do romancista não é expor ideias ou mesmo analisar caracteres, mas apresentar um acontecimento intra-humano” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 209). Aquilo que lhe pertence essencialmente. De todo modo, o “romancista ou o poeta toma seus temas de experiências vividas no curso da vida humana e, elevando-se ao plano da expressão artística, universaliza-os” (SILVEIRA, 1981, p. 156).

“Os textos literários não só podem como devem ser utilizados como um rico material a ser interpretados sobre as várias representações do espaço” (BARCELLOS, 2009, p. 51). Em particular o espaço geográfico. Quando

---

von Goethe. Pois este deixou uma obra vasta, cuja a mesma influenciou a literatura de todo o mundo. - Para tanto, segundo Madame de Staël, “Goethe poderia representar toda a literatura alemã; não que não tenha outros escritores superiores a ele, sob qualquer relações, mas sozinho ele reúne tudo que distingue o espírito alemão” (STAËL, 1845, p. 128). Lembremos isto sem desmerecer a notoriedade de outros autores de sua época

buscamos interpretar a geograficidade<sup>13</sup> contida num poema ou num romance, podemos mapear ou cartografar os espaços e os lugares contidos nos mesmos. Do mesmo modo, podemos nos localizar no tempo. Pois, ao analisar os romances, há de enfatizar “a relação dos mesmos com o tempo, não deixando de sugerir que o componente espacial é tão notável quanto o temporal” (BARCELLOS, 2009, p. 47). Haja vista o tempo e o espaço não se separarem no contexto literário, pois são instâncias existenciais do ser no mundo. Em nosso entender, é “geografizando<sup>14</sup> um poema, por exemplo, que encontramos a ideia de pertencimento, de identidade, tanto por parte dos personagens contidos no poema quanto do autor, escritor de tal poema” (SOUZA, 2012, p. 69). O mesmo é válido para um romance ou para um conto. Por

---

<sup>13</sup> “Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial” (DARDEL apud in NOGUEIRA, 2001, p. 24). “Isto é, uma manifestação direta do ser na existência” (SOUZA, 2012, p. 71).

<sup>14</sup> Palavra utilizada por nós para exemplificar ou buscar mostrar os ‘aspectos geográficos contido num poema, conteúdos geográficos contidos numa obra de arte’. Ou seja, no caso estudado, ‘captando a linguagem geográfica inserida num poema’. O mesmo vale para um romance ou conto.

consequente, “ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 488). Para tanto, o estabelecimento desse diálogo entre Geografia e Literatura seria uma “leitura de caráter mais teórico-metodológico que aprofunde as discussões já realizadas” (SUZUKI, 2006, p. 66) entre esses campos do saber. É no sentido teórico-metodológico que utilizamos a palavra geografizando.

Para uma melhor compreensão do que fora citado logo acima, é exigido de nossa parte que exemplifiquemos o conteúdo. Deste modo temos o seguinte:

É buscando os conteúdos geográficos numa obra de arte, isto é, “geografizando”, que encontraremos o elo entre Geografia e Literatura. A amálgama entre ambas ajudanos na compreensão da realidade. Tanto do pretérito quanto do tempo presente. Nessa relação (Geografia e Literatura) podemos identificar como se dá o envolvimento do homem com a terra, em outros termos,

como se dá o envolvimento do homem no espaço de existência (SOUZA, 2012, p. 83).

Em todo caso, neste contexto busca-se mostrar como se mesclam as culturas existentes no mundo. Como as culturas se relacionam.

No processo onto-geográfico (geograficidade, espaço de existência, vida, etc.), sou participante do mundo, bem como vítima do mesmo. E, com efeito, denuncio e anuncio, através da arte (no caso, a poesia) um mundo que estava recalcado em mim. É das camadas mais profundas de nosso ser, em conflitos com a geograficidade, que surge a subjetivação-objetivada, a saber – a arte. E é nesse relacionamento que atingimos o ultrapassamento do eu interior para o eu exterior<sup>15</sup>, através da criação artística, extraordinariamente. E, grosso modo, através desse

---

15 Apesar de que “o interior e o exterior são inseparáveis” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 546). Assim como o espaço e o tempo são “tão inseparavelmente quanto a sombra acompanha o corpo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 358).

processo efetuamos simplesmente introspecção, bem como refletimos metafisicamente (SOUZA, 2012, p. 82-83).

Diante o exposto, lugar e espaço se imbricam reciprocamente. Para tanto, discutiremos num piscar de olhos, isto é, rapidamente e sucintamente, as noções de espaço e lugar. Com efeito, “o lugar é uma pausa em movimento” (TUAN, citado por NOGUEIRA, 2001, pp. 48-49). Neste sentido, o espaço é entendido como o movimento, “aberto, livre, amplo, vulnerável provocando medo, ansiedade, desprezo, sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Já o lugar é fechado, íntimo, humanizado” (MELLO, citado por NOGUEIRA, 2001, p. 49). Não obstante, o lugar seria “o espaço singular” (SILVA, 1986, p. 99). O lugar entendido aqui como “território demarcado, personalizado, possuidor de uma aura que atrai ou repele, mas envolve, protege, resguardando as vivências e as experiências da vida, criando ambiências, sendo pausas em movimentos maiores” (LIMA, citado por NOGUEIRA, 2001, p. 49). Por conseguinte, “espaço é mais abstrato do que lugar” (TUAN, 1983, 06), ou melhor, “o espaço é abstrato e o lugar é concreto” (TUAN, 2011, p. 17). Com efeito, “o

lugar torna-se realidade a partir de nossa familiaridade com o espaço, não necessitando ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (BARCELLOS, 2009, p. 48). Neste sentido é elucidativo “apontar de como os espaços, tais como ruas, praças e etc., a partir do momento que articulam vivências e experiências, ao mesmo tempo em que passam a ser dotados de valor e sentimentos, tornam-se lugares” (BARCELLOS, 2009, p. 48).

Sendo assim, o lugar é parte essencial de nossa identidade, enquanto sujeitos. Os homens de muitos lugares são reconhecidos pelas características que levam deles através dos componentes culturais: hábito alimentar, linguagem, vestimenta, crenças etc. Assim, o lugar circula, migra: **as pessoas carregam os lugares consigo**<sup>16</sup> (NOGUEIRA, 2001, p. 45).

---

16 Grifo nosso. Neste sentido, onde quer que se encontrem, “cada pessoa está rodeada por “camadas” concêntricas de espaço vivido” (BUTTIMER, 1982, p. 178). Isto quer dizer que, as experiências vividas em determinado lugar deixa cada pessoa carregada por características próprias do lugar de vivência.

Buscando compreender melhor a discussão a respeito da relação lugar e espaço a fim de entendermos melhor nossa discussão sobre o simbolismo geográfico na arte, nossa preocupação é que o leitor possa compreender ao menos de forma geral o que é espaço e lugar. Deste modo vejamos as seguintes proposições: “o espaço é pois o maior lugar possível” (SILVA, 1978, p. 07) “e o lugar é o menor espaço possível” (SILVA, citado por NOGUEIRA, 2001, p. 50). Com efeito, a relação envolvendo espaço e lugar nos permite salientar a importância de analisar o lugar como o mais íntimo frente a nossa discussão. Haja vista que, “pensar o lugar remete a pensar em sua localização e em sua(s) história(s), assim como nas paisagens que este comporta” (TORRES; KOZEL, 2010, p. 128). - Diante destas últimas proposições sobre o espaço e sobre o lugar consideramos, grosso modo, ter compreendido ambas as proposições. Ao menos em parte.

“A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras mais relevantes elementos de interpretação histórica e geográfica” (ARAÚJO apud in MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 492). Neste sentido, “cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e

sociais” (ARAÚJO apud in MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 492). Assim sendo, a Geografia e a História ocupam lugar central na estética narrativa de boa parte das obras literárias brasileiras.

Apenas como exemplo, pois não pretendemos nos estender haja vista não termos espaço suficiente para abordar todo o material necessário, iremos mencionar tão somente alguns desses trabalhos literários (autores e obras) que realmente merecem um destaque especial:

José de Alencar, indianista que escreveu uma série de romances tratando o cotidiano dos tipos, tanto urbanos quanto rurais, é um dos autores que atestam isto. *O Guarani* mostra o índio em contato com o branco, tendo de fundo a floresta, os animais e os primeiros vilarejos. *Iracema* retrata o branco entre os índios, e *Ubirajara*, o índio entre os índios. [...] Além desses, Alencar escreveu obras sobre a cidade do Rio de Janeiro, com suas paisagens e seus habitantes, como *Senhora*, *Diva*, *Lucíola*. Retratou assim o viver urbano da capital do

império sem se esquecer do sertão inóspito com tipos rudes e heroicos saídos da realidade brasileira, como em *O Sertanejo*, *O Gaúcho*, *As Minas de Prata*, *O Tronco de Ipê*. Estes romances incorporam o espírito nacionalista e ressaltam o heroísmo de figuras vivendo em paisagens e regiões afastadas do convívio da corte do Rio de Janeiro, mas integrantes da história cultural.

Jorge Amado é outro exemplo, revelando e ajudando a construir a identidade e os sentimentos baianos, discorrendo sobre a sociedade cacauera do sul da Bahia, emoldurada pelo sol tropical vivido pelos coronéis e seus amores, como em *São Jorge de Ilhéus*, *Cacau ou Gabriela*, *cravo e canela*. O autor também cantou em prosa alegre e picante em tramas com paisagens, coqueiros, praias e o mar da baía de Todos os Santos. São muitos os romances, como *Capitães de areia*, *Mar*

*Morto*, *Dona Flor e seus dois maridos* e muitos outros.

Pelas veias modernistas, Mário de Andrade fez um estudo do herói de todos os tempos e todos os lugares em *Macunaíma*, revelando o caráter heroico e a sua vida numa nação que, ainda se encontra em formação. E não podemos nos esquecer de Gilberto Freyre, que sua monumental obra trouxe à baila a vivência e a sociologia da *Casa grande e senzala* e dos *Sobrados e Mocambos*. (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 492-493)<sup>17</sup>.

Portanto, os recursos geográficos e históricos fornecidos por essas notáveis obras literárias são, grosso modo, aquilo que o geógrafo assim como o historiador da atualidade precisa para explorar o Brasil de outrora, para assim saber como agir no Brasil de hoje.

A seguir mostraremos um quadro representativo onde podemos visualizar de forma simples, por assim dizer, alguns dos trabalhos de cunho geográfico que abordam em suas discussões a dialética

---

<sup>17</sup> Grifos dos autores conforme o original.

envolvendo Geografia e Literatura. Este quadro em especial nos mostra trabalhos desenvolvidos no Brasil em programas de pós-graduação na área de Geografia.

Quadro 01: Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Geografia que discutem a dialética Geografia e Literatura - Brasil - 1990-2012

Ano	Autor	Título	Nível	Instituição
1990	Solange T. de Lima Ferreira	A concepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão”	Mestrado	UNESP-Rio Claro
1993	Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos	Geografia e os Romances Nordestinos na década de 1930 a 1940: uma contribuição ao ensino	Mestrado	USP
2004	Carlos Alberto Manhi	Paulística: a poética do precário. Paisagem, croônicas e imaginário	Mestrado	USP
2005	Maria Amelia Vilanova Neta	Geografia e Literatura: Decifrando a Paisagem dos Mocambos do Recife	Mestrado	UFRJ
2005	Adriana Carvalho Silva	O Espaço Carioca no Olhar de Lima Barreto: um estudo da interação Literatura-Geografia	Mestrado	UFF
2006	Frederico Roza Barcellos	Espaço e Lugar: o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final no século XIX e início do XX	Mestrado	UFRJ
2006	Gabino Ribeiro Moraes	A Chave do Tamanho abre o conhecimento do espaço geográfico	Mestrado	UFRS
2006	Vivian Christine de Souza Marinho	A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários	Mestrado	USP
2007	Josoaldo Lima Rêgo	Espaço, Modernidade e Literatura: uma leitura d’O Guesa, de Sousândrade	Mestrado	USP
2007	Heloisa Araújo de Araújo	Geografia e Literatura: Um Elo entre o Presente e o Passado no Pelourinho	Mestrado	UFBA

2007	Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola	Caminhos de Morte e de Vida O rio Severino de João Cabral de Melo Neto	Mestrado	UNESP-Rio Claro
2008	Liz Andreia Giaretti	Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: Uma Análise do Pensamento Geográfico	Mestrado	UNESP-Rio Claro
2008	Alessandro Andrade Haiduke	Chão partido: conceitos de espaço nos romances O Quinze de Rachel de Queiroz e a Bagaceira de José Américo de Almeida	Mestrado	UFPR
2008	Andréia Aparecida Moreira de Sousa	Geografia e literatura: a representação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício	Mestrado	UFG
2008	Natallye Lopes Santos Oliveira	Representação espacial de Nordeste: o olhar espacial de Suassuna	Mestrado	UFF
2009	Carlos Alberto Magni	Discurso da paisagem e lirismo em Luís Martins: imaginário geográfico nas crônicas de São Paulo	Mestrado	USP
2009	Suseny Maia Teles Ruffini	O espaço urbano na literatura de cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro	Mestrado	UFBA
2010	Robinson Santos Pinheiro	Geografia e Literatura: diálogo em torno da construção da identidade territorial sul-mato-grossense	Mestrado	UFGD-MT
2010	Marcos Aurelio Marques	Literatura e Geografia: a poética do lugar em Thiago de Mello	Mestrado	UFRO
2010	Francisca Diana Pereira de Farias	O complexo geográfico em Os sertões de Euclides da Cunha	Mestrado	UFRN
2011	Claudio Roberto Duarte	Literatura, Geografia e Modernização Social: espaço, alienação e morte na literatura moderna	Doutorado	USP

2011	José Elias Pinheiro Neto	Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida de Severina de João Cabral de Melo Neto	Mestrado	UFG
2011	Suelen Rosa Pelissaro	O sertão e suas metamorfoses em Sagarana e Primeiras estórias, de João Guimarães Rosa	Mestrado	USP
2011	Melissa Souza dos Anjos	Lugares e personagens do universo buarqueano	Mestrado	UFRJ
2012	Adriana Carvalho Silva	O Rio de Janeiro em Dom Casmurro: literatura como representação do espaço	Doutorado	UFF

Quadro elaborado pelo autor. Fonte: CAPES e sites das Universidades citadas.

Neste levantamento de dados que realizamos conseguimos, por assim dizer, identificar até o presente momento cerca de vinte e cinco trabalhos que abordam tal temática. Enfim, continuemos com nossa discussão geográfico-literária.

Pois bem, os recursos metafóricos também são utilizados em obras desse tipo. Misturando ciência e ficção alguns autores buscam essa alternativa para expressar ou revelar os sentidos de determinado lugar<sup>18</sup>. Um bom exemplo que fora usado sobre o viés dessa alternativa é a obra “Chile o una loca

Geografia<sup>19</sup>, de Benjamim Subercaseaux” (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 493), escrito nos anos 1940. Esta sua louca geografia é tecida se utilizando as mais diversas regiões geográficas do Chile. Pois o perfil do território chileno o possibilitou descrever a geografia do Chile através de metáfora explícita.

O Chile é tido como uma terra na qual a **cabeça** queima de calor (o norte desértico); o **tronco** treme com os terremotos (o centro agitado); os **pés** gelam de frio (o sul antártico); as **costas** furam as nuvens (o leste andino); e sua **frente** volta-se para a

<sup>18</sup> Para Yi-Fu Tuan “o lugar tem um sentido” (SOUZA, 2012, p. 54). Isto é, “existe um sentido do lugar” (NOGUEIRA, citado por SOUZA, 2012, p. 54). Por isso devemos explorar os sentidos dos lugares para os compreendermos melhor.

<sup>19</sup> Aqui não iremos fazer nenhuma citação do texto original. Apenas mencionamos o título da obra.

imensidão do oceano (o oeste marítimo), sendo porquanto uma ilha, isolada por todos os lados. O autor<sup>20</sup> considera que a Arte e a Geografia, nesta parte do mundo, se completam e se comunicam harmoniosamente, pois, há algo de eterno e de único, procurando unir o mapa à paisagem (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 493)<sup>21</sup>.

Seguindo esta mesma lógica entre metáfora e mito o geógrafo Eric Dardel quando discorre a cerca da geografia mítica expressa algo semelhante. Pois que, “percerber a paisagem é sentir-la” (TORRES, 2010, p. 49). Isto pode ser eloquente também para o lugar. Se se quisermos compreender-lhe melhor. Como dizíamos, para Dardel: “chaque coup de houé représente une plaie faite à cette Terre” (DARDEL, 1952, 87)<sup>22</sup>. Para tanto, a metáfora serve como meio de dialogar de maneira simples e divertida uma porção da terra que esteja em discussão. Por isso, o recurso à metáfora é de um valor significativo para ligar-se o

real com o imaginário em sua originalidade.

Assim sendo, depois desta breve discussão envolvendo geografia e literatura, somos obrigados a indicar que às várias possibilidades de se realizarem estudos que considerem a “literatura como importante forma de representação espacial” (BARCELLOS, 2009, p. 50) não devem jamais ser ignoradas pela Geografia, especificamente pela Geografia Humanista Cultural. Isto, se assim quisermos contribuir efetivamente para uma verdadeira ontologia do espaço. Em particular, assim entendemos, na Geografia Humana Brasileira.

A seguir iremos nos envolver numa discussão pouco comum no seio da própria geografia. Pois tal tema é pouco elucidado pelos profissionais geógrafos. Entretanto, aqueles que já realizaram alguma pesquisa nessa temática os fizeram com bastante lucidez, bastante interesse e demonstraram alta capacidade de compreensão diante daquilo que fora realizado. Do mesmo modo, buscaram mostrar a importância dos estudos efetuados. Assim nos envolveremos em mais uma aventura simbólico-geográfica.

## **GEOGRAFIA E MÚSICA**

*À priori* poderíamos nos perguntar; que relação existe entre Geografia e Música? Com efeito, poderíamos

<sup>20</sup> Se referindo a Benjamim Subercaseaux.

<sup>21</sup> Grifos dos autores conforme o original.

<sup>22</sup> “Cada golpe de enxada representa uma ferida na Terra” (DARDEL, 2011, p. 63).

responder não haver nenhuma ligação entre ambas. Pois, a primeira é Ciência já a segunda é tida como Arte. Todavia, estudando um pouco mais a fundo e refletindo cuidadosamente esta relação, conseguiremos ver que esses dois campos do conhecimento caminham juntos desde que o geógrafo queira trabalhá-los - evidentemente - do ponto de vista cultural. Haja vista as molduras estéticas envolvê-las intrinsecamente na realidade existencial concreta do ser no mundo. Durante os últimos quarenta anos, pelo menos, alguns “geógrafos culturais investigaram a música a partir de uma moldura geográfica (Nash, 1968; Carney, 1990 e 1994; Kong, 1995; Carney e Nash, 1996; Leyshon, Matless e Revill, 1998)” (CARNEY, 2007, p. 129). Estudando uma diversidade de formas musicais.

A dialética envolvendo a relação Geografia e Música é algo pouco estudado na própria ciência geográfica. No entanto, há alguns trabalhos significativos nessa perspectiva físico-estética. - De modo a buscar compreender o porquê de estudar a música sob um viés geográfico ou estudar a geografia sob o ponto de vista musical, iremos nos envolver numa discussão pouco conhecida ou talvez ainda não conhecida por parte de muitos geógrafos preocupados apenas em reproduzir aquilo

já produzido. Aqui a “irracionalidade tautológica” (ALFREDO, 2009, p. 09) não tem espaço. Apenas o novo ganha espaço em seu favor. Em outras palavras, temos que produzir e não reproduzir algo já produzido. Para uma melhor compreensão daquilo que fora dito poucas linhas atrás, utilizaremos alguns exemplos básicos: Merleau-Ponty nos diz que é necessário pensar no impensado e ver no visível o invisível. Diremos o seguinte: é necessário tocarmos no intocado para podermos mover o imóvel. Devemos nos comprometer como ser existencial no espaço e no tempo, com o todo e a parte, o tudo e o nada. - Somos.

Para tanto, Schopenhauer nos coloca numa situação estranha quando analisa o mundo. Para este - parafraseando-o - o mundo é uma vontade cega<sup>23</sup>, todas as coisas existenciais agem cegamente no mundo. E nós nos manifestamos do mesmo modo no mundo, ou seja, agimos cegamente desde o nosso nascimento, simplesmente mudamos quando passamos a representar o mesmo. No entanto, esta cegueira pode ser suprimida desde quando buscamos compreender o significado das coisas no espaço e no tempo, sua essência íntima, numa palavra: na existência concreta.

---

<sup>23</sup> Pois o mundo como vontade e como representação, esta mesma vontade “é apenas um ímpeto cego e irresistível” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 357). Ela opera cegamente.

“A trajetória dos estudos de geografia sobre música” (CASTRO, 2009, p. 08) iniciou-se há mais de 40 anos, “com o artigo de Peter Hugh Nash, ‘Music Regions and Regional Music’, de 1968” (CASTRO, 2009, p. 08). Isto é, este autor elaborou um estudo sobre regiões musicais e músicas regionais enfatizando o valor simbólico da música na geografia das músicas estudadas. Com efeito, considera-se este como o primeiro estudo de cunho geográfico-musical. A partir de então surgiram vários outros trabalhos na mesma perspectiva. Porém, são poucos conhecidos no cerne da geografia. Não obstante, esta tendência tem-se difundindo até os dias mais recentes. Isto é, apesar da restrita abordagem nesta área, trabalhos que discutem a relação Geografia e Música estão mais vivos atualmente que outrora. A título de exemplo temos o seguinte:

A revista francesa *Géographie et Cultures*, fundada por Paul Claval, publicou em 2006 um número dedicado ao tema, intitulado *GÉOGRAPHIES ET MUSIQUES: Quelles perspectives?*, com uma coletânea de textos de diversos geógrafos, com abordagens que vão desde o estudo do perímetro espacial

e musical da ópera em Provença, até o estudo da articulação entre a lógica global e as características locais a partir do *hip-hop* na Mongólia (CASTRO, 2009, p. 08)<sup>24</sup>.

Isto significa que o tema está ganhando terreno no que se refere à Geografia e Música. Tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista cultural. Pois a abordagem desse prisma geográfico-musical é significativa para a compreensão do espaço em si. Com isso, “o estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais” (TORRES, 2009, p. 54) Principalmente quando direcionado à música popular. Com efeito, “a espacialidade da música popular, mais especificamente, focalizando a relação entre música e mobilidade espacial, as formas pelas quais a música está ligada aos elementos culturais, étnicos e geográficos da identidade e como estas questões estão atreladas às transformações de ordem econômica, tecnológica e cultural” (CONNELL & GIBSON, citado por CASTRO, 2009, p.

---

<sup>24</sup> Grifos do autor conforme o original.

09) fazem prevalecer o valor simbólico de cada lugar, região ou área estudada.

Embora seja inviável neste momento realizar um mapeamento sistemático das linhas dos estudos em geografia e música no panorama mundial (dado o enorme volume de trabalhos existentes), no Brasil podemos afirmar que em seu conjunto, o interesse geográfico pela música expressa heterogeneidade nas abordagens, porém já denotam campos importantes de interesse. Podemos visualizar um campo de abordagem humanista que se articula em torno das representações das paisagens e do lugar e a compreensão dos significados destas representações através da música. Nessa abordagem a letra da canção é a fonte da representação, ou seja, a canção configura-se como um dado primário, como a geografia humanista também tem feito largamente com a literatura. Isto não impediu, é bom lembrar, que os geógrafos desta abordagem

realizassem os devidos nexos com a produção do espaço em termos mais gerais, sobretudo relacionado com a cidade (PANITZ, 2010, p. 72).

“Sendo assim, a diversidade de interesses apresentada pela geografia brasileira, e a indiscutível riqueza musical do país, fazem deste campo de estudo um lugar fecundo para explorar o espaço geográfico em suas mais diversas abordagens e já tem oferecido, sem dúvidas, novos olhares para as relações entre espaço e cultura” (PANITZ, 2010, p. 73)

“No Brasil, poucos trabalhos foram realizados sobre geografia e música” (CASTRO, 2009, p.09). Por conseguinte, podemos destacar o pioneiro do estudo envolvendo geografia e música em nosso país, a saber: João Baptista Ferreira de Mello que, em sua dissertação de mestrado de 1991, o mesmo defendeu a importância dos estudos envolvendo Geografia e Música no Brasil, em particular “sobre composições da MPB e o Rio de Janeiro” (CASTRO, 2009, p.09).

Mello trabalha na perspectiva da canção como uma “literatura musicada”; portanto, sua dissertação utiliza amplamente a

perspectiva dos trabalhos literários, considerando o texto da canção como foco. Seu método, por conseguinte, trata as canções como um dado primário de sua investigação. Assim, o geógrafo agrupou experiências vividas pelos compositores no Rio de Janeiro, como um reflexo do homem comum que vive na cidade e que expressa, através de canções suas percepções sobre os lugares de moradia, trabalho, lazer, as ligações físicas – afetivas, o lugar de identidade e amizade, os espaços de segregação, de transformação da natureza, as memórias e fantasias, entre outros temas. Mello destaca ainda o papel da geografia humanista, capaz de valorizar a experiência do ser humano cotidiano e sua importância para o trabalho geográfico e social. Em outra oportunidade, Mello realiza o estudo da geografia da Grande Tijuca, usando duas abordagens: aquela dos lugares centrais, largamente usada na geografia, e as

representações da Grande Tijuca por meio da oralidade e das canções. (PANITZ, 2012, p. 14).

Como mencionado linhas atrás, “no Brasil, poucas, mas importantes, pesquisas foram realizadas na interface da geografia com a música” (PANITZ, 2010, p. 64). Todavia,

Elas demonstram uma heterogeneidade de abordagens, usando a música para trabalhos de caráter humanista e abordagens culturais renovadas, ou de enfoque econômico-social, ou como ferramenta para sala de aula. Em termos conceituais, também, encontramos diversidade nas abordagens, ora focando-se na paisagem, ora no espaço geográfico, ora na região, ora no território (PANITZ, 2010, p. 64).

Além do trabalho de Mello (1991) temos outros que seguem a mesma perspectiva geográfico-musical. Para tanto, nos convém dizer que, referente ao tema discutido recentemente essa abordagem está se ampliando (apesar de lentamente) de forma significativa. Seja por meio de

dissertações e teses ou por intermédio de artigos acadêmicos. A seguir veremos rapidamente alguns destes trabalhos. Pois temos:

O artigo de Mesquita (1997) sobre a Geografia Social na música do Prata; a tese de doutorado de Ribeiro (2006), abordando o conceito de espaço-vivo e suas variáveis na cidade de Diamantina sob o ponto de vista dos músicos; e a dissertação de mestrado de Marcelino (2007), que aborda as transformações sofridas pelo samba paulista em sua transição da zona rural, concentrando principalmente na cidade de Pirapora do Bom Jesus, para a metrópole de São Paulo a partir do final do século XIX e durante o século XX. Em 2000, foi publicado um excelente artigo do antropólogo Pessoa de Barros (2000), no qual ele busca a compreensão dos rituais do candomblé, a história dos mitos e dos ritos, a partir dos

seus cantos litúrgicos (CASTRO, 2009, p.09)<sup>25</sup>.

Em todo caso, ainda se referindo à discussão Geografia e Música no Brasil, “há que destacar [...] a valiosa contribuição do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da UERJ” (CASTRO, 2009, p.09). Pois, na revista Espaço e Cultura - mantida pelo núcleo - já “foram publicados textos sobre o tema” (CASTRO, 2009, p.09). A Coleção de livros Geografia Cultural, em sua 14ª publicação teve como tema central o seguinte título: “Literatura, Música e Espaço, com textos de Marc Brosseau sobre o viés literário, e de George O. Carney, a respeito do viés musical” (CASTRO, 2009, p.10). Do mesmo modo, em sua 16ª publicação a coleção teve como tema central: Cinema, Música e Espaço, com textos de Ana Francisca de Azevedo sobre o viés cinematográfico, e de Lily Kong sobre o viés da música popular nas análises geográficas.

A seguir mostraremos um quadro representativo onde podemos visualizar de forma simples, assim compreendemos,

---

<sup>25</sup> Sem contar as monografias de Maria Amélia Vilanova Neta (2002) e Moema Livia Puga de Godoy (2009). E muitas outras não citadas aqui. Apesar de que temos consciência e sabemos que em nosso país há muitos trabalhos que dialogam a mesma temática. Em todo território nacional existem inumeráveis trabalhos deste tipo.

alguns dos trabalhos de cunho geográfico que abordam em suas discussões a dialética envolvendo Geografia e Música. Com efeito, igual ao quadro anterior, este em particular nos mostra trabalhos

desenvolvidos no Brasil em programas de pós-graduação na área de Geografia, no qual enfatize a música como parâmetro de estudo.

Quadro 02: Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Geografia que discutem a dialética Geografia e Música - Brasil - 1991-2012

Ano	Autor	Título	Nível	Instituição
1991	João Baptista Ferreira de Mello	O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira 1928-1991: uma introdução à Geografia Humanística	Mestrado	UFRJ
2001	Nelson da Nóbrega Fernandes	Festa, cultura popular e identidade nacional: as escolas de samba do Rio de Janeiro	Doutorado	UFRJ
2001	Glauco Vieira Fernandes	A territorialidade sertaneja no cancionário Luiz Gonzaga	Mestrado	UECE
2002	Nilo Américo Rodrigues Lima de Almeida	Do território dos sentidos ocupados à sintonia com o entorno - um canto para a música na Geografia	Mestrado	USP
2006	Cláudia Regina Vial Ribeiro	Espaço-vivo: as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos	Doutorado	PUC-MG
	Denilson Araújo de Oliveira	Territorialidades no Mundo Globalizado: outras leituras da Cidade a partir da cultura Hip-Hop		

2006			Mestrado	UFF
2007	Marcio Michalczuk Marcelino	Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo	Mestrado	USP
2008	Alexandro Francisco Camargo	Festas rave: uma abordagem da geografia psicológica na identificação de territórios autônomos	Mestrado	UFMT
2009	Michel Rosadas dos Santos	Nascentes e Tributários de um Rio Musical – Salve Estácio, Cidade Nova e a Praça Onze dos Bambas! A Vila de Noel “... só quer Mostrar que faz Samba Também...”	Mestrado	UERJ
2009	Marcos Antonio Correia	Representação e Ensino - a música nas aulas de geografia: emoção e razão nas representações geográficas	Mestrado	UFPR
2009	Alessandro Dozena	As territorialidades do samba cidade de São Paulo	Doutorado	USP
2009	Daniel de Castro Fernandes Coelho	“Heitor Villa-Lobos: a espacialidade na alma brasileira”	Mestrado	UFRJ
2009	Marcos Alberto Torres	Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço	Mestrado	UFPR
2010	Juliana Costa Cunha	Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural de Salvador e Camaçari	Mestrado	UFBA

2010	Lucas Manassi Panitz	Por uma geografia da Musica: o espaço geografico da musica popular platina	Mestrado	UFRS
2011	Fernando Lucci Resende de Souza	Composição urbana, ritmos e melodias de uma geografia de vida, Villa-Lobos o moderno compositor carioca: Na trilha dos Choros	Mestrado	UFF
2012	Anadmafer Mattos Fernandes	O Lugar e o Som: estudo geográfico da “música guarani” – reflexões a partir do ensino	Mestrado	UFGD- MT

Quadro elaborado pelo autor. Fonte: CAPES e sites das Universidades citadas.

Neste levantamento de dados que realizamos conseguimos, grosso modo, identificar até o presente momento cerca de dezessete trabalhos que abordam tal temática.

“Atualmente, pode-se considerar George O. Carney e Lily Kong como os dois autores mais importantes na área de Geografia e Música” (CASTRO, 2009, p. 10). Pois ambos elaboraram alguns trabalhos importantes “que abordam a atividade musical dos Estados Unidos e Cingapura, respectivamente, sobre a ótica espacial” (CASTRO, 2009, p.10). Possibilitando novos horizontes - aos geógrafos mais novos - para pesquisas nesta perspectiva. Neste sentido, inferimos serem ambos os autores as referências básicas de leitura para aqueles interessados em envolver-se na dialética Geografia e Música.

George Carney em sua análise<sup>26</sup> entre Geografia e Música articula nove categorias gerais “sobre os quais os geógrafos interessados no tema tem se debruçado” (CASTRO, 2009, p. 10) ultimamente, a saber: “(1) estilos/gênero, (2) estrutura, (3) letras, (4) instrumentação, (5) intérpretes e compositores, (6) centros e eventos, (7) mídia, (8) música étnica e (9) indústria” (CASTRO, 2009, p.10). Para

<sup>26</sup> *The sounds of people and places: A geography of American music from country to classical and blues to bop.* Lanham: Rowman and Littlefield, 2003.

tanto, “a partir destas nove categorias de fenômenos musicais observáveis, os geógrafos exploram uma diversidade de abordagens e temas, que podem ser agrupados em dez tipos gerais” (CASTRO, 2009, p.10), conforme veremos a seguir, resumidamente.

1. A delimitação de regiões musicais e a interpretação da música regional [...].
2. A evolução de um estilo musical com o lugar [...].
3. A origem e a difusão do fenômeno musical [...].
4. A relação entre a distribuição espacial da música e as migrações humanas, rotas de transportes e redes de comunicação<sup>27</sup> [...].
5. Os elementos psicológicos e simbólicos da música moldando o caráter de um lugar: a imagem do lugar, o sentido do lugar e a percepção do lugar [...].
6. Os efeitos da música na paisagem cultural<sup>28</sup> [...].
7. Organização da indústria fonográfica [...].
8. A relação da música com

<sup>27</sup> Levando música de um lugar a outro (ideia de migração da música). Neste caso específico podemos citar apenas como exemplificação, as composições de Luiz Gonzaga quando o mesmo leva a público o conhecimento do sertão nordestino por intermédio de suas brilhantes composições.

<sup>28</sup> Como exemplo, podemos citar salas de concertos e praças de eventos (shows).

ambiente natural<sup>29</sup> [...]. 9. A função da música nacionalista e antinacionalista [...]. 10. As interrelações da música com outros traços culturais em um sentido espacial (CASTRO, 2009, p.10-11).

Com isso, “o objetivo é oferecer uma síntese da ampla gama de possibilidades existentes no campo da geografia e música” (CASTRO, 2009, p.11). Abrindo caminho para a interdisciplinaridade defendida já anteriormente. Ademais, “na música existe uma imensidão de temas que não podem ser entendidos se separados de seu contexto histórico e ideológico, para isto se faz necessário o estudo do todo de sua construção” (GODOY, 2009, p. 09). Ou seja, o estudo do contexto sociohistórico das obras (tais como a época em que fora composta, qual fora o meio utilizado para compor, quem contribuiu para uma determinada composição e etc.), ajuda a melhor compreender de maneira mais fácil o mundo no qual a música se insere. Em todo caso, a musicalidade apresenta-se sempre original.

Com relação à Lily Kong, esta tem efetivamente sua contribuição de forma mais ‘crítica’ para com a Geografia e a

Música, do que Carney. Vejamos a partir deste ponto - resumidamente - sua lucidez dos fatores que envolvem (num enlace sedutor) a dupla fase de uma relação: Geografia e Música.

“Entre os mais importantes trabalhos já realizados a respeito de geografia e música, está o de Kong (1995)<sup>30</sup>, intitulado *Popular Music in Geographical Analysis*” (CASTRO, 2009, p.12). Para Lily Kong, “a negligência dos geógrafos em relação à pesquisa com a música, dentre outras manifestações artísticas, está baseada em dois pontos principais” (CASTRO, 2009, p.12). Em primeiro lugar esta mesma autora “afirma que os geógrafos foram, durante muito tempo, ‘profundamente elitistas’ em seus interesses” (CASTRO, 2009, p.12), privilegiando em demasia apenas a cultura das elites (cultura erudita), “em detrimento da cultura popular” (CASTRO, 2009, p.12), que foi tratada, segundo a autora, “com desdém como mero entretenimento, trivial e efêmero” (KONG, 2009, p. 130). Não obstante, a cultura popular é uma fonte inesgotável de conhecimento. Visto que, é da música popular que temos os maiores e os melhores exemplos de articulação sobre a ideia de identidade, de pertencimento e de experiência vivida por parte dos autores

<sup>29</sup> “Por exemplo, um concerto ao ar livre em área não-urbana [...], a representação de aspectos naturais da paisagem na música: ventos, canto de pássaros, tempestades” (CASTRO, 2009, p.11).

<sup>30</sup> *Popular Music in Geographical Analysis. Progress in Human Geography, University Colorado, 19 (2), p. 183-98, Junho de 1995.*

de obras consagradas no meio fonográfico. Para tanto, podemos citar entre muitos, apenas como ilustrações, as produções artísticas de alguns autores brasileiros com suas brilhantes e sedutoras composições; as criações de Pixinguinha, de Noel Rosa, de Caetano Veloso, de Luiz Gonzaga, de Gilberto Gil, de Roberto Carlos, de Cartola e etc. Cujas mesmas possuem uma riqueza melódica encantadora. Bem entendido, estes autores retratam muito bem o meio geográfico em que viviam ou viveram e vivem. Por exemplo, Pixinguinha retrata em seus batuques a cultura africana presente em solo brasileiro. Caetano Veloso em 'Sampa' retrata a memória de São Paulo da década de 1970, quando o mesmo chegou a esta cidade. Luiz Gonzaga humildemente retrata o sertão nordestino e o seu habitante vivente da seca - o sertanejo. Noel Rosa reflete a boemia carioca dos anos 1930. Gilberto Gil retrata em algumas de suas canções o período da ditadura militar. Já Roberto Carlos em uma de suas canções traz à sua memória a cidade onde nasceu e cresceu: Cachoeira de Itapemirim-ES. Em sentido análogo Ataulfo Alves relembra sua infância em Miraf-MG. Heitor Villa Lobos em muitas de suas composições também nos traduz o interior do Brasil. - Estes são alguns dos inúmeros exemplos que buscamos para mostrar o valor simbólico

da geografia na arte. Entrementes, existem inúmeros exemplos neste sentido, porém, não iremos nos estender mais por falta de espaço. Neste sentido, "a música pode ser percebida como um documento vivo de um contexto histórico-geográfico, assim como nas articulações escalares particulares de cada lugar há implícita uma certa musicalidade" (GUIMARÃES, 2008, p. 289).

Dando sequência em nossa breve discussão, vamos ao que nos interessa, evidentemente. Pois Lily Kong tem muito a nos oferecer diante sua contribuição aos estudos envolvendo geografia e música. Admitimos que, no segundo momento, esta mesma autora (Lily Kong) - assim compreendemos - faz uma crítica profunda e fundamental à Geografia. Este segundo ponto apontado por Kong, interpretamos como o mais importante de toda análise que permeia o campo da Geografia e da Música consubstancialmente. Bem entendido, esta visão ampla do segundo momento é reforçada pelo geógrafo Castro (2009), pois este nos faz perceber o quanto é ser profissional engajado numa pesquisa, por mais simples que esta possa ser. Seu artigo (Castro, 2009) - no qual é a base fundamental nesta segunda parte de nossa breve discussão - é rico de detalhes e de inovações.

Pois bem, a partir de então se cumpra entender o segundo ponto de vista que faz com que os geógrafos negligenciem o élan que envolve geografia e música, conforme Kong.

Em segundo lugar, mas não menos importante, está o fato de que a pesquisa geográfica cultural privilegiou em larga escala o estatuto de aspectos visuais. Indo ao encontro desta ideia, Smith<sup>31</sup> argumenta que a geografia humana está envolvida com uma política cultural que, quer explorando o legado do iluminismo (ver é acreditar) ou os presságios do pós-modernismo (imagem é tudo), permaneceu mergulhada na ideologia visual. Os sentidos de olfato, tato, paladar e audição têm sido negligenciados como uma consequência da ênfase na visão. De fato, ainda hoje muitos geógrafos definem paisagem, por exemplo, como ‘a porção visível do espaço’, ou ‘tudo aquilo que se vê’, como se na paisagem também não existissem sons, cheiros ou

---

<sup>31</sup> SMITH, Susan. J. *Beyond geography's visible worlds: a cultural politics of music. Progress in Human Geography*, N. 21 (4), p. 502-529. Abril 1997.

sabores. O olfato e o paladar, por exemplo, podem evocar um sentido de lugar radicalmente distinto da visão<sup>32</sup> (CASTRO, 2009, p.13).

No mesmo sentido a autora ainda nos chama a atenção para “a importância dos sons que caracterizam diferentes espaços como o urbano e o rural, os naturais, como o canto dos pássaros ou o som do vento nas árvores, e os originados pela atividade humana, como o som de um engarrafamento, ou da confusão de vozes no meio de uma multidão” (KONG, citado por CASTRO, 2009, p.13). Haja vista ser o som - parafraseando Castro (2009) - “o elemento fundamental da qual a música se compõe” (CASTRO, 2009, p.18). Neste sentido, “a paisagem não é apenas visual e estática, mas dinâmica e carregada de barulhos, cheiros, gostos, valores sociais e culturais, que devem ser considerados no seu estudo” (TORRES, 2010, p. 48). Para tanto, “os sons que ocorrem nos lugares compõe suas paisagens sonoras” (TORRES, 2010, p. 50). Bem entendido,

---

<sup>32</sup> Em relação aos estudos geográficos preocupados com os sabores da terra e o paladar de seus habitantes, consideramos que o *Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – UFF* possui um papel importante neste cenário. Pois, a revista *Geograficidade* - mantida pelo grupo - em seu v. 2, n. 1 (2012), publicou uma série de textos discutindo este assunto. O título dado ao referente volume da revista fora: **Dossiê Sabores Geográficos**.

aqui paisagem sonora é aquela representada tanto por sons produzidos pelos homens quanto por sons naturais. Por consequência, “é na paisagem sonora que encontramos subsídios para pensar na perpetuação das diferentes falas e sotaques dos grupos sociais, e no estabelecimento da comunicação entre seus integrantes” (TORRES, 2010, p. 52). Na obstante, “a paisagem sonora é cultural, pois reflete a identidade de um lugar e de seus habitantes” (TORRES; KOZEL, 2010, p. 127).

Além disso, Castro (2009) nos aponta que a autora (Kong) justifica com veracidade o estudo geográfico da música<sup>33</sup>. Haja vista não existir “sociedade sem música. A música está presente no cotidiano das pessoas [...], a música é capaz se transmitir ‘imagens’ de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identificação dos lugares” (CASTRO, 2009, p.13). Uma vez que, bem entendido, “é notável a penetração da música na sociedade. Em todas as sociedades conhecidas, a música tem presença” (KONG, 2009, p. 132). Diante o exposto, o filósofo Nietzsche leva a fundo a ideia de música para com a vida dizendo-nos: “a vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa

cansativa, um exílio”<sup>34</sup> (NIETZSCHE, *apud in* DIAS, 2005, p. 09).

Analisando algumas obras musicais sejam estas cantadas (líricas) ou instrumentais, temos em mente que a *arte não figurativa*<sup>35</sup>: a música - no sentido Nietzscheano. Pois para Nietzsche a música é “arte não-plástica” (NIETZSCHE, 2011, p. 27)<sup>36</sup> -, dizíamos, a arte não figurativa da música faz romper barreiras insuspeitáveis<sup>37</sup>. Com efeito, produzir ‘arte’ não é devaneio, ou um paradoxo demasiado para além do real, é simplesmente produzir aquilo guardado ou oculto dentro de si, uma espécie de introspecção aguda do eu interior para com

---

<sup>34</sup> Nietzsche, *Cartas a Peter Gast*, Nice, 15 de janeiro de 1888. Citação retirada de DIAS, 2005, p. 09.

<sup>35</sup> Grifo nosso. Com efeito, “a música não está no espaço visível” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 303), mas no espaço-tempo sonoro. Por isso a música é “isenta de imagens” (NIETZSCHE, 2005, p. 22). Por conseguinte, segundo Schopenhauer “a música é a representação de alguma coisa que não pode ser representada” (DIAS, s/d, p. 119). Filosoficamente, para Merleau-Ponty “a música é para o mundo sensível o que a filosofia é para o mundo inteiro” (MERLEAU-PONTY, 2001, p. 17). “Ou seja, a música - como a filosofia - nos revela que cada palavra é suspensa de uma voz outra. A voz imperceptível deste silêncio que envelopa cada coisa, cada criatura, e que justamente por isso não fala nunca” (LISCIANI-PETRINI, 2001, p. 42).

<sup>36</sup> No original alemão encontra-se: “... der unbildlichen Kunst Musik...” (NIETZSCHE, 1999, p. 25). Muito embora, antes de Nietzsche o filósofo Schelling, por sua vez - no início de século XIX -, já havia pronunciado algo similar. Para Schelling “a música [...] está certamente isenta de expor figuras” (SCHELLING, 2001, p. 221). - O original alemão apresenta-se assim: “die Musik [...] ist zwar davon freigesprochen gestalten darzustellen” (SCHELLING, 2003, p. 405).

<sup>37</sup> Pois “a música [...] organiza memórias, [...] cria sentido ao mundo” (PANITZ, 2012, p. 25).

---

<sup>33</sup> Pois tudo é Geografia, Som, Espaço e Tempo. Isto é, Existência (no sentido fenomenológico).

o eu exterior na vigilância permanente da vida. Pois, psicologicamente, “o eu é mais que o próprio nós” (SOUZA, no prelo).

Portanto, nesta segunda parte de nossa breve discussão no qual estamos enfatizando a música como meio de comunicação<sup>38</sup> do real, podemos dizer ser a música “uma arte tão elevada e majestosa” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 336) e admirável - cujo efeito sonoro<sup>39</sup> em

<sup>38</sup> Pois “a música tem tudo a ver com a comunicação de sentidos” (KONG, 2009, p. 141). A música condiciona e ilustra “uma forma de comunicação cultural” (KONG, 2009, p. 154).

<sup>39</sup> Aqui, bem entendido, gostaríamos de expressar que numa investigação empírica sobre literatura e música o falar é tão importante quanto o não falar. Ou seja, a fala literária e a fala musical se imbricam reciprocamente. Em realidade, a pausa ou o silêncio e as atividades sonoras fazem parte de um mesmo existir fenomenológico, de um todo real e concreto. Assim como o espaço e o tempo, a sombra e o corpo, o interior e o exterior, não se separam. Destarte, “a fala é tão muda quanto a música, a música é tão falante quanto a fala” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 523). Nesta relação que permeia o invólucro som e silêncio, Merleau-Ponty nos aponta o seguinte: “o silêncio ainda é uma modalidade do mundo sonoro” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 606). Com efeito, Richard Wagner em sua análise à filosofia da música expressa algo semelhante em relação à atividade sonora e o seu repouso na peça musical. Ou seja, “a música [...] desperta o supremo êxtase da consciência do ilimitado” (WAGNER, 2010, p. 33) que em muitas ocasiões, “até mesmo a pausa, se transforma em melodia” (WAGNER, 2010, p. 46). - Para tanto, do ponto de vista crítica (no qual o presente texto se faz valer) a Ópera nos serve, em realidade, como um exemplo clássico da união, por assim dizer, da tríade tratada por nós (Geografia, Literatura e Música), posto que a Geografia esteja como espaço, lugar e tempo, a Literatura tenha sua presença configurada através da poesia lírica e épica ou dramática, já a Música como som harmoniosamente ordenado servindo como tela de fundo que sustenta a ópera. Deste modo, a Ópera tem seu lugar garantido na configuração das artes como um todo. Isto é, neste tipo de peça musical temos variedades de articulações se interagindo reciprocamente: “este modo de expressão consiste

particular o diferencia das demais - que a mesma “expõe para todo físico o metafísico” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 345). Dito de outra forma, “ela exprime o que há de metafísico no mundo físico” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 276). Por sua vez, Schopenhauer buscando compreender as ideias de Leibniz - que declarara ser a música um “*exercitium arithmeticae occultum nescientis se numerare animi*”<sup>40</sup> (LEIBNIZ, citado SCHOPENHAUER, 2005, p. 336-337) - procura desenvolver o mesmo raciocínio direcionado à música, porém, de um ponto de vista metafísico. Com efeito, suas palavras deixam claro suas ideias, vejamos. “Podemos parodiar a expressão de Leibniz acima mencionada (que de um ponto de vista inferior é totalmente correta) e dizer: *musica et exercitium metaphysices oculum nescientis se*

na palavra, no gesto, e no som (articulação, gesticulação e modulação)” (KANT, 1995, p. 166). Bem entendido, há toda essa elucidação, agindo em sentido único a fim de ligarem-se as partes em si. Dito de outro modo, na Ópera constatamos as artes fluando (no sentido metafórico) em harmonia deslumbrante, quer dizer, as artes elocutivas, as artes figurativas e as artes das sensações (no sentido kantiano) se apresentam no mesmo palco e num mesmo espetáculo. Em todo caso, “a poesia pode ligar-se à música no canto” (KANT, 1995, p. 170), ou com disse Hegel: “entre a música e a poesia existe a maior afinidade, pois ambas utilizam o mesmo elemento sensível, quer dizer, o som” (HEGEL, 1997, p. 297). Nestes termos: Geografia, Literatura e Música constituem um novo olhar filosófico da natureza das artes.

<sup>40</sup> “Exercício oculto de aritmética no qual a alma não sabe que conta” (LEIBNIZ, citado SCHOPENHAUER, 2005, p. 337). Nota 41 do livro terceiro, traduzido por Jair Barboza.

*philosophari animi*<sup>41</sup>  
(SCHOPENHAUER, 2005, p. 347). Por isso “o efeito da música é tão mais poderoso e penetrante que o das outras artes” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 265). Não obstante, “la MÚSICA es la verdadera lengua universal que se entiende en todas partes” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 920). Em sentido análogo Nietzsche nos pronuncia ser a música “a verdadeira linguagem universal, compreendida em toda parte” (SUAREZ, s/d, p. 137). Doravante, para Schopenhauer “a música é a arte suprema” (DIAS, s/d, p. 118). Neste sentido - se aproximando, grosso modo, do pensamento Schopenhauriano - devemos ressaltar o que nos pronunciou Madame de Staël quando a mesma busca mostrar a influência da nova filosofia alemã (séc. XIX) sobre a literatura e as artes. Pata esta autora, a música “de todos os dons da Divindade, no entanto, é o mais magnífico, pois parece, por assim dizer, supérfluo” (SATËL, 1845, p. 451).

Para compreendermos de modo mais simples estas últimas linhas traçadas acima por nós podemos dizer o seguinte: uma música instrumental em tonalidade maior geralmente expressa alegria, felicidade, contentamento... enfim. Já uma música na

---

<sup>41</sup> “Música é um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que está filosofando” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 347). Nota 46 do livro terceiro, traduzido por Jair Barboza.

mesma modalidade (instrumental) em tonalidade menor geralmente expressa tristeza, angústia, sofrimento e etc., por parte de seu autor. Ou seja, há uma verdadeira luta psicológica e lógica interagindo com o propósito de realizar minuciosamente em seus pormenores aquilo armazenado ou talvez adormecido em si, cujo sonho desperto busca sua realização, seu acontecer. Entrementes, na articulação ou modulação entre notas graves e aguda, agudas e graves há uma verdadeira narrativa melódica em ação. Uma ideia de conversa, prosa e oratória através das notas musicais. - A arte em si é como olhar para dentro e dizer: foi dado à luz um enigma, um mistério<sup>42</sup>. “E é através

---

<sup>42</sup> Não obstante, tudo que fora dito é fruto de experiências vividas e concretas, pois além da geografia, a música e a arte poética faz parte da rotina do autor do presente texto. Haja vista que ao executarmos um instrumento musical (no meu caso específico um Clarinete Sib ou um Saxofone) sentimos vibrações em nosso ‘ser-encarnado’ (no sentido Merleau-Pontyano). Do mesmo modo ao compor um simples verso escrito em prosa sentimos vibrações em nosso ‘ser-encarnado’. - As composições musicais efetuadas, bem como os poemas elaborados são uma evidencia dessa atitude por parte do autor do texto. - Há mais de cem composições musicais entre choros, valsas, baião e frevos. De igual modo, há mais de duzentos poemas escritos em versos livres de minha própria autoria.

da arte que o homem procura embelezar<sup>43</sup> o mundo no qual está inserido. Tanto quanto faz com sua higiene pessoal” (SOUZA, 2012, p. 74). “O artista nos permite olhar para o mundo mediante os seus olhos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 265). Em realidade, é através da arte que conhecemos outro mundo no qual não saberíamos expressar nossas ideias se não por meio desta.

A arte é um meio de comunicação. “Toda arte consiste em comunicação” (MARINHO, 2010, p. 51). Por isso, “Lily Kong ratifica e afirma que a música pode servir como um meio, um veículo, através do qual as pessoas transmitem suas experiências” (CASTRO, 2009, p.13). A música é “uma parte importante do sistema cultural e se acha impregnada da ideologia que subjaz no conjunto de ideias e representações que tendem a reprodução do sistema e que cumpre a função de veículo para sua expressão” (ARROYO, citado por PANITZ, 2012, p.12). Em realidade, através da música podemos sentir, por sua vez, “a experiência íntima” (TORRES, 2010, p. 48) de certo lugar. Deveras, “a música [...] nos serve como espelho da sociedade e de suas relações com o meio. Com suas letras, suas

construções sonoras, seus instrumentos<sup>44</sup>, a música nos fala, muito além da simples distração e diversão, a música pode ensinar” (GODOY, 2009, p. V). Diante disso podemos inferir que a ideia de nacionalismo está presente na música, por exemplo, através dos hinos nacionais da cada país: letras e melodias.

Além disso, “KONG aponta, ainda cinco tendências principais para as pesquisas geográficas já realizadas com a música<sup>45</sup>” (CASTRO, 2009, p.13). A seguir veremos em síntese essas cinco tendências apontadas por Kong, por conseguinte, reforçadas por Castro (2009).

“Em primeiro lugar, estão aquelas que buscam demonstrar a distribuição espacial de formas musicais” (CASTRO, 2009, p.14). Realizando um mapeamento “de um determinado estilo musical em um determinado lugar” (CASTRO, 2009, p.14).

“Um segundo grupo pode ser caracterizado como aquele que visa à exploração dos locais de origem musical e a sua difusão” (CASTRO, 2009, p.14). Já “a terceira tendência é a que busca delimitar áreas que partilham certos traços musicais, sendo que essa delimitação

---

<sup>43</sup> Pois “a beleza é a razão da arte” (SOUZA, no prelo).

---

<sup>44</sup> É importante frisar que muitos instrumentos musicais em alguns conjuntos ou bandas de música representam certas características de certos lugares específicos.

<sup>45</sup> Assim como fez Carney.

ocorre em várias escalas, tais como a global e a regional” (CASTRO, 2009, p.14). Em sua quarta tendência Lily Kong descreve-nos dizendo ser “aquela na qual se investiga o caráter e a identidade dos lugares a partir das letras das canções” (CASTRO, 2009, p.14). Em sua “quinta e última tendência os objetivos são basicamente os mesmos da anterior, ou seja, explorar a relação de identidade dos compositores com o seu lugar. Entretanto, a pesquisa visa a interpretar as características dessa ‘visão de mundo’ expressas através da melodia, instrumentação, letras (eventualmente) e as sensações ou impactos sensoriais transmitidos pela música” (CASTRO, 2009, p.14).

É relevante salientar os significados e valores simbólicos atribuídos aos estudos entre geografia e música. Para tanto, isto requer de nós geógrafos capacidade e habilidades múltiplas para seguirmos adiante sempre em busca do melhor possível a fim de conseguirmos enxergar - no sentido mais profundo do termo - que o horizonte envolvendo geografia e arte é amplo e muito rico de significado. Neste momento a ideia de alteridade se faz presente com todo seu rigor necessário.

Os significados e valores simbólicos atribuídos aos estudos entre geografia e música ainda podem delinear cinco

principais vertentes entre estes campos do saber conforme nos direciona Lily Kong em sua extraordinária abordagem geográfico-musical. Resumidamente apresenta-se assim:

1. A análise de significados simbólicos. Ou seja, a preocupação com os símbolos utilizados na música [...].
2. Música como comunicação cultural. Baseando-se em conceitos como discurso, texto, metáfora, os ‘textos musicais’ devem ser entendidos como diálogos sociais, processos de comunicação que refletem o contexto sociohistórico no qual estão inseridos [...].
3. A política cultural da música [...].
4. Economia musical [...].
5. Música e a construção social de identidades (CASTRO, 2009, p.14-15).

Estudos considerando aspectos geográficos contidos numa construção musical, seja esta em forma de canção (lírica) ou instrumental já defendido anteriormente, possibilita-nos identificar características culturais de determinados povos. De certo, a música em si está prenhe (em sentido metafórico) de vestígios culturais explicitamente. Em todo

caso, compreende-se - assim acreditamos - que o debate acerca da Música Regional e de Regiões Musicais nos proporciona identificar conteúdos que envolvem tanto o imaterial quanto material. Isto porque simboliza o subjetivo e o objetivo, o consciente e o inconsciente, o lógico e o psicológico consubstancialmente.

***A escala geográfica e o mapa musical: o mapa cartográfico e a partitura musical - formas de se pensar o espaço***

A partir deste momento a ‘escala’ como instrumento geográfico entra em cena para se tornar presente em nossa discussão (partiremos da ideia do macro para o micro, buscando interpretar um mapa cartográfico no sentido de ler uma partitura musical). Aqui, a ideia de escala geográfica sugere uma “associação entre o mapa e a partitura musical” (GUIMARÃES, 2008, p. 279) no sentido de leitura do espaço. Assim sendo, busquemos nossas perspectivas.

Em termos gerais, se verifica que no cenário mundial identificam-se certas características musicais próprias de cada região do globo. A esse respeito nota-se um tipo de musicalidade em cada ponto fixado no planeta. Pois “a identidade sonora de um lugar pode estar representada em sua música” (TORRES, 2009, p. 55). Por conseguinte, para simplificar faremos breves apontamos.

No cenário mundial temos a música instrumental erudita euro-asiática que é de extrema elegância, em particular, aquela dos séculos de outrora, onde se observava a profunda erudição de seus autores<sup>46</sup> bem como de seus apreciadores. Isto, principalmente, nos grandes salões das cortes europeias e asiáticas. Apesar de que muitos bastardos não entendessem nada sobre música. No mesmo contexto, temos a música do caribe que é difundida principalmente por meio do *Mambo* e do *Reggae*. O *Blues* e o *Jazz* oriundo dos Estados Unidos (este último em particular do sul dos Estados Unidos - New Orleans). O *Tango Argentino*. O *Samba* (carnaval) brasileiro, a música Árabe do Oriente Médio e muitos outros tipos de musicalidades. Tão somente citamos estes para exemplificar.

No Brasil conseguimos identificar regiões no qual a música é mais difundida (de forma explícita) do que em outras regiões. Por exemplo, a música da Região Norte, no cenário nacional é pouco conhecida. Assim como a música da região Centro-Oeste. Isto em virtude das redes de

---

<sup>46</sup> Tais como Johann Sebastian Bach, Wolfgang Amadeus Mozart, Franz Liszt, Richard Wagner, Ludwig van Beethoven, Antonio Lucio Vivaldi, Piotr Ilitch Tchaikovsky, Frédéric François Chopin, Joseph Lanner entre muitos outros. Neste mesmo patamar, a música erudita brasileira também possui sua elegância particular. Entre os autores mais destacados temos Antônio Carlos Gomes, Claudio Franco de Sá Santoro, César Guerra-Peixe e Heitor Villa-Lobos.

comunicação, principalmente, rádio e televisão. Em que dão preferência à divulgação das músicas de outras partes do território nacional. Não obstante, isto não impossibilita as referidas regiões de mostrarem sua rica musicalidade. Já a região Sudeste, Nordeste e Sul tem suas músicas difundidas ou divulgadas de forma mais ativa, ou expressiva, por assim dizer. No entanto, todas as regiões apresentam riquezas musicais insuperáveis do ponto de vista cultural. Portanto, podemos dizer que cada região se identifica com um estilo, tipo ou gênero próprio de música.

Pois bem, a geografia inserida em certas obras musicais é muito rica em detalhes. Em primeiro lugar, mostra-nos que o regionalismo<sup>47</sup> é forte nas mesmas. Em segundo lugar, nos faz enxergar os horizontes<sup>48</sup> e as perspectivas<sup>49</sup> que se encontra em tais composições. Atento a isso, os tipos, estilos e gêneros musicais de algumas autorias do Norte do Brasil

refletem a influência indígena, como por exemplo, o Carimbó. No Sudeste do Brasil a musicalidade forte é aquela executada e conhecida como música caipira e aquela cujo nome: Sertanejo. No Nordeste a presença nítida, por sua vez, é o Forró, seja este em ritmo de baião, xote ou xaxado. Além deste temos o Frevo Pernambucano e etc. Na cidade do Rio de Janeiro especificamente predomina o Samba. Sendo assim, é evocando certo tipo, estilo ou gênero musical que cada região tem seu próprio valor cultural.

Reduzindo a escala geográfica (depois de ter percorrido o cenário mundial e nacional em poucas linhas) para o local, há a possibilidade de identificar regiões musicais existentes em algumas cidades - manchas urbanas - do Brasil. A guisa de curiosidade, para exemplificar, citemos a cidade<sup>50</sup> de São Paulo, no qual existem bairros com identidade de histórico musical bastante acentuado. Neste sentido os bairros de Vila Mariana, Vila Madalena e Bexiga são exemplos clássicos.

O Brasil possui um repertório musical excelente a qualquer ouvido. A música brasileira é luxo. Para tanto, essa musicalidade ainda nos oferece, a nós

<sup>47</sup> Em princípio através do sotaque. Haja vista a língua ser fator determinante neste ponto. Em outro sentido, o regionalismo aparece pela eloquência evidenciada na cultura de cada povo. Por exemplo, no interior do Brasil, ou melhor, no interior do sertão nordestino são comuns produções musicais evocando festas típicas da região tal como a Vaquejada. Isso, sem contar as festividades religiosas locais.

<sup>48</sup> Em referência aos lugares, as paisagens, a territorialidade, a área e etc.

<sup>49</sup> Neste sentido as mesmas nos traduzem os projetos inerentes a cada região. O futuro que os compositores e os ouvintes enxergam para esses lugares por intermédio das músicas.

<sup>50</sup> Isto também é válido para qualquer outra cidade. Isto em virtude de que “os lugares estão repletos de sons” (TORRES, 2009, p. 12). Quer dizer; “cada lugar possui uma identidade sonora” (TORRES, 2009, p. 12) própria.

geógrafos, muito conteúdo que se encontra preservado ou recalado em si. Contudo, observa-se que para a realização do conteúdo musical latente, ou seja, aquilo que se encontra oculto na mesma, isto requer um estudo mais apurado por parte dos profissionais comprometidos com a arte no Brasil. Só assim descobriremos mais a nossa própria música. E assim fazer com que este conteúdo musical latente se torne conteúdo musical manifesto.

Enfim, para além de tudo que fora dito nesta breve discussão acerca da Geografia e Música os “autores como Goerge Carney e Lily Kong, entre outros, reconhecem a veracidade enorme de vieses possíveis que a música oferece para o geógrafo” (CASTRO, 2009, p.17). Quer dizer, a música proporciona ao geógrafo um horizonte satisfatório para fazer-lhe envolver-se com sua sede de conhecimento nas mais diversas culturas existentes do mundo. Para isto, basta apenas querer fazer para o desejo fazer-se realizado.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A fim de evitarmos aquilo que não desejamos em nenhum momento desta pesquisa, bem como dizer ser esta uma simples e breve investigação introdutória apenas do ponto de vista que nos cabe neste momento. Somos levados a expressar de maneira humilde que todo este debate, por assim dizer, cumpriu com

a primeira etapa daquilo que se pretende mais adiante, cujo objetivo está muito longe ser alcançado no presente artigo. Tão somente fizemos um breve levantamento da importância de se estudar arte na geografia. Em nosso caso específico optamos em mergulhar na tríade dialética envolvendo Geografia, Literatura e Música. Pois bem, nessas considerações que não pretende concluir de modo algum temos mediante nossas experiências o seguinte: todo esse instrumental transcende-nos em essência (no sentido fenomenológico). Neste sentido inferimos ser a Literatura bem como a Música construções das culturas dos povos. Por sua vez, neste mesmo sentido, por assim dizer, “Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (LARAIA, 2007, p. 67). Portanto, é por meio da criação humana que existe tanto a Geografia (como Ciência) quanto a Literatura e a Música (como Artes). Para tanto, Cultura é “toda construção material e imaterial de um grupo humano”<sup>51</sup>. - A Literatura é uma manifestação oral e escrita de forma ordenada. A Música é uma manifestação sonora e oral em sincronicidade. Contudo, tanto a Literatura quanto a Música tem algo em comum, qual seja, se manifestam

<sup>51</sup> SOUZA, André dos Santos Baldráia. Citado por SOUZA, 2012, p. 97.

no espaço-tempo e o elemento que as une é o som. Deveras, perguntemos: o que é o som? O Som é o invisível em manifesto.

Entrementes, por meio de um estudo sistemático da literatura e da música de um lugar “é possível rastrear os elementos que formam o enredado” (ARROYO, citado por PANITZ, 2010, p. 62) do próprio lugar. Por meio dos estudos envolvendo Geografia, Literatura e Música pode-se observar o valor significativo destes em contribuição com a Educação, principalmente no processo de alfabetização. Deste modo, a arte musical e a arte literária e seus aparatos metodológicos “junto aos mapas mentais e atividades didático-pedagógicas podem contribuir à educação formal de alunos das séries iniciais do ensino médio” (CORREIA, 2009, p. 07), bem como e, principalmente, das séries iniciais do ensino fundamental. É neste sentido que Fernando Segismundo se referindo a literatura na geografia nos chama atenção com as seguintes palavras; “e não constituirá a literatura, a melhor auxiliar da geografia, sua iniciação lógica, desde a infância à maturidade?” (SEGISMUNDO, 1949, p. 328). Portanto, “não vemos porque não se incentivar nas escolas de todo gênero e de todas as idades, o uso do livro de viagens e de aventuras, como primeiro passo na senda fascinante dos conhecimentos

geográficos” (SEGISMUNDO, 1949, p. 328).

A Arte como um todo nos transmite significações e valores humanos profundos. “A arte não isola” (COLI, 1985, p. 110), pois esta é “um elemento da vida” (MÁRIO de ANDRADE, citado por COLI, 1985, p. 87). Portanto, a arte nos acompanha e nos faz aproximar do eu interior. “A arte é, assim, objetivação da criatividade humana diante de si e do seu próprio mundo significado. É a totalização de si, permanentemente se fazendo” (MARINHO, 2010, pp. 82-83). Por conseguinte, “a obra de arte é simplesmente um meio de facilitação do conhecimento da Ideia” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 265). Neste mesmo sentido podemos inferir que:

A obra de arte é existência, isto é, o poder humano para transcender a faticidade nua de uma situação dada, conferindo-lhe um sentido que, sem a obra, ele não possuiria (CHAUÍ, s/d, p. 273).

Assim sendo, “o artista é aquele que fixa e torna acessível aos mais ‘humanos’ dos humanos o espetáculo de que fazem parte sem vê-lo” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 134). Em outros termos, a imagem oculta que permanece no interior

do artista, o mesmo busca trazer à luz num espetáculo de transcendência viva que o permeia em toda sua existência real. É através da arte que homem mostra o sobrenatural. O homem se realiza fazendo, simplesmente. Contudo, “a literatura e a música popular são expressões culturais e, como tais, tem uma dimensão espacial” (CORRÊA, 1998, p. 59). Estão enraizadas nas culturas dos povos. Sendo assim, “o artista põe sua marca” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 104) no mundo através de sua obra, seja esta a pintura, o romance, o poema, o conto, a música, a arquitetura ou outra arte qualquer. Simplesmente temos um ser diferenciado vivendo entre muitos outros. Porém, este se destaca por sua capacidade e habilidade de conhecer além daquilo que o mesmo está habituado. Este ser é o artista. Ele expressa seus sentimentos, suas experiências por meio de uma linguagem simbólica singular cheia de significados chamada Arte. Neste sentido, parafraseando Hegel podemos dizer que a arte é um meio de tornar objetivo a insuficiente existência subjetiva. Assim sendo, a arte é um meio de realização humana.

Como já defendido aqui - isto no final da primeira parte deste artigo - depois desta breve discussão envolvendo Geografia, Literatura e Música, somos obrigados a direcionar nossas opiniões

para com a Ciência Geográfica. Em realidade, às várias possibilidades de se realizarem estudos que considerem literatura e música como importantes formas de representação espacial não devem - em hipótese alguma - serem ignoradas pela Geografia, especificamente pela Geografia Humanista Cultural. Isto, se assim quisermos contribuir efetivamente para uma verdadeira ontologia do espaço. Em particular na Geografia Humana Brasileira. Pois “o Brasil dispõe de uma rica produção literária e musical que interessa diretamente ao geógrafo” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 12-13). Ao que se refere à Literatura e a Música temos que considerar que ambas as artes estão intrinsecamente relacionadas ao número (versos e ritmos, especificamente) o que nos faz pensar o seu uso à Geometria, às relações matemáticas e simétricas no espaço-tempo existencial como um todo. Portanto, isto é o que por ora compreendemos.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB’SABER, Aziz Nacib e MENEZES, Cynara. **O que é ser Geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab’Saber** em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALFREDO, Anselmo. **Negatividade e a Crítica à Crítica Crítica: sobre tempo**

espaço e modernização. Departamento de Geografia/FFLCH - USP, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética.** In: ARISTÓTELES (Trad. Baby Abrão) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os Pensadores)

ARANHA, Maria L. de Arruda e MARTINS, Maria H. Pires, **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 1986.

BACHELARD, Gaston. **La Poética del Espacio.** México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1965.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. In: **Espaço e Cultura.** UERJ-NEPEC, RJ, nº 25, pp. 41-52, Jan./Jun. de 2009.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. (Coleção Geografia Cultural)

BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

CARNEY, George O. Música e Lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. (Coleção Geografia Cultural)

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. In: **Espaço e Cultura.** UERJ-NEPEC, RJ, nº 26, pp. 07-18, Jul./dez. de 2009.

CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Os filósofos e a arte.** Rio de Janeiro: Rocco, S/D.

COLI, Jorge. **O que é Arte.** 6ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia, Literatura e Música Popular: uma biografia. In: **Espaço e Cultura.** UERJ-NEPEC, RJ, nº 06, pp. 59-65, Jul./dez. de 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Literatura, Música e Espaço: uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. (Coleção Geografia Cultural)

CORREIA, Marcos Antonio. **Representação e ensino A música nas**

**aulas de geografia:** emoção e razão nas representações geográficas. Dissertação de mestrado. Setor de Ciências da Terra – UFPR. Curitiba, 2009.

DARDEL, Éric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **L’homme et la terre:** nature de la réalité géographique. Paris: PUF, 1952.

DIAS, Rosa Maria. Schopenhauer e a arte. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Os filósofos e a arte.** Rio de Janeiro: Rocco, S/D.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Música.** São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2005. (Sendas & Veredas)

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos** - 1ª Parte. (Trad. Walderedo Ismael de Oliveira) Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - Volume IV)

GODOY, Moema Livia Puga de. **A Música, o Ensino e a Geografia.** Monografia (Bacharelado). Instituto de Geografia – UFU. Uberlândia, 2009.

GUIMARÃES, Raul Borges. Escala geográfica e partitura musical:

considerações acerca do sistema modal e tonal. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Espaço e Cultura:** pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. (Coleção Geografia Cultural)

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte.** (Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro) São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de Estética:** o sistema das artes. (Trad. Álvaro Ribeiro) São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Paidéia)

JUNG, Carl Gustav. **O Espírito na Arte e na Ciência.** 6ª Edição. (Trad. Maria de Moraes Barros) Petrópolis: Editora Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung – Volume 15)

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo.** 2ª Edição. (Trad. Valério Rohden e Antônio Marques) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Cinema, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. (Coleção Geografia Cultural)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LISCIANI-PETRINI, Enrica. Moduler “l’insaisissable dans l’immanence”: autour de quelques “notes” de Merleau-Ponty sur la musique. In: **Merleau-Ponty. Non-philosophie et philosophie. Avec deux notes inédits sur la musique**. Chiasmi International. Publication trilingue autour de la pensée de Merleau-Ponty, nouvelle série, n° 3, Éditions J. Vrin (France), Éditions Mimesis (Italie), University of Memphis (États-Unis) et Clinamen Press (Royaume Unis), 2001.

MATOS, Cláudia Neiva de. Poesia e Música: laços de parentesco e parceria. In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. **Palavra Cantada: ensaios sobre poesia, música e voz**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo e OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. In: **Geografia**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, Set./Dez. 2009.

MARINHO, Samarone Carvalho. **Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica**. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2010.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira 1928-1991: uma introdução à Geografia Humanística**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da UFRJ, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. (Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira) São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. (Trad. Carlos A. R. de Moura) São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Olho e o Espírito**. (Trad. Paulo Neves e M<sup>a</sup> Ermantina Galvão Gomes Pereira) São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Prosa do Mundo**. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. Deux notes inédits sur la musique. In: **Merleau-Ponty. Non-philosophie et philosophie. Avec deux notes inédits sur la musique**. Chiasmi International. Publication trilingue autour de la pensée de Merleau-Ponty, nouvelle série, n° 3, Éditions J. Vrin (France), Éditions Mimesis (Italie), University of Memphis (États-Unis) et Clinamen Press (Royaume Unis), 2001.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In: MONBEIG, Pierre. **Ensaio de**

**Geografia Humana Brasileira.** São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. 2ª Edição. **O Nascimento da Tragédia** (Trad. Antonio Carlos Braga) São Paulo: Editora Escala, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia.** (Trad. Heloisa da Graça Burati) São Paulo: Rideel, 2005. (Biblioteca Clássica)

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência.** (Trad. Jean Melville) São Paulo: Martin Claret, 2004.

\_\_\_\_\_. **Die Geburt der Tragödie.** Unzeitgemäße Betrachtungen I-IV; Nachgelassene Schriften 1870-1873. Kritische Studienausgabe Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Neuausgabe. (Band I) München: Deutscher Taschenbuch Verlag de Gruyter, 1999.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes no Amazonas.** Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2001.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. In: **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, Vol. XVII, nº 978, 37 págs. 30 de mayo de 2012.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina.** Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências – UFRS. Porto Alegre, 2010.

RATZEL, Friedrich. Sobre a Interpretação da Natureza (Über Naturschilderung) (Tradução e versão do gótico para o alemão moderno de Marcos B. de Carvalho, a partir de esboço parcial feito por Mara Sandra Zanin. Revisão técnica: Wolf Dietrich-Sahr). In: **GEOgraphia.** Niterói, v, 12, nº 23, pp. 157-176, 2010.

RECLUS, Elisée. **L’homme et la terre.** Paris: Librairie Universelle, 1905. t. I. 6. v.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. In: **Boletim Geográfico,** ano 7, n. 76, p. 327-332, Jul, 1949.

SHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. Philosophie der Kunst (1802/1803). In: **Ausgewählte Schriften. Schriften 1801-1803.** (Band 2) Frankfurt am Main:

Suhrkamp, 2003. (Sammlung. Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft; 522)

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Arte.** (Tradução, introdução e notas Marcio Suzuki) São Paulo: Edusp, 2001. (Clássicos: 23)

SCHOPENHAUER, Artur. **Parerga y Paralipómena:** escritos filosóficos sobre diversos temas. (Trad. José Rafael Hernández Arias, Luis Fernando Moreno Claros e Agustín Izquierdo) Madrid: Valdemar, 2009. (Letras Clásicas)

\_\_\_\_\_. **O Mundo como Vontade e Representação.** (Trad. Jair Barboza) São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Mundo como Vontade e Representação.** (Trad. M. F. Sá Correia) Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SILVA, Armando Correa da. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Fora do Lugar.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVEIRA, Nise da. **Jung:** vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção:** uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012.

\_\_\_\_\_. Poemas: filosofando em prosa. (no prelo) São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2013.

STAËL, Madame de. **De L'Allemagne.** Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1845.

SUAREZ, Rosana. Nietzsche: a arte em o nascimento da tragédia. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Os filósofos e a arte.** Rio de Janeiro: Rocco, S/D.

SUZUKI, Julio Cesar. O Espaço na narrativa: uma leitura do conto "Preciosidade". In: **Revista do Departamento de Geografia.** São Paulo, n. 19, p. 54-67, 2006.

\_\_\_\_\_. Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. In: **Revista da ANPEGE.** Fortaleza, v. 2, p. 115-141, 2005.

TORRES, Marcos Alberto. Da Paisagem Sonora à Produção Musical: contribuições geográficas para o estudo da paisagem. In: **Revista Geografar.** Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-60, Jan./Jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares:** percepção e memória na construção do espaço. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências da Terra – UFPR. Curitiba, 2009.

TORRES, Marcos Alberto e KOZEL, Salette. Paisagens Sonoras: possíveis

caminhos aos estudos culturais em geografia. In: **RA'É GA**. Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. In: **Geograficidade**. Niterói, v. 01, nº 01, Inverno, pp. 08-19, 2011.